

Estratégias de Aprendizagem de Línguas: Histórico, Definições e Classificações

Márcio Luiz Corrêa Vilaça (UFF e FEUDUC)

Introdução

Discuto neste artigo três aspectos relacionados às estratégias de aprendizagem: um panorama histórico do campo de estudo e pesquisa, as definições de estratégias e as classificações mais citadas na literatura de ensino de línguas estrangeiras.

Este artigo tem como objetivo básico oferecer ao leitor uma breve apresentação a um rico campo de estudo e pesquisa: as estratégias de aprendizagem de línguas. Inicialmente será traçado um panorama histórico da entrada das estratégias de aprendizagem como uma área de pesquisa e estudo em lingüística aplicada, especialmente no que se refere ao processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Em seguida serão discutidas diferentes definições para as estratégias de aprendizagem. O artigo prossegue com a apresentação das classificações das estratégias de aprendizagem propostas pelos autores mais citados da área (OXFORD, 1990; O`MALLEY e CHAMOT, 1990; COHEN, 1998).

Por fim, o artigo apresenta os pontos de maior harmonia entre os diversos autores aqui citados e as considerações finais. As considerações finais são acompanhadas por sugestões bibliográficas bási-

cas àqueles que tiverem interesse em leitura mais aprofundada sobre os tópicos aqui apresentados e discutidos.

Breve histórico dos estudos das estratégias de aprendizagem

O início das pesquisas de estratégias de aprendizagem data dos anos 60 (VILAÇA, 2003a, p. 153). Nos anos 70, o campo começou a se destacar, principalmente depois o trabalho de Rubin (1975). A autora investigava os bons alunos de línguas para identificar as estratégias que eles usavam para serem bem-sucedidos.

Rubin (1975, p. 42) defendia que as estratégias de aprendizagem poderiam e deveriam ser ensinadas aos alunos menos capazes como forma de desenvolvimento das habilidades das quais careciam. Com isso, acreditava-se que os alunos não tão eficientes na aprendizagem de línguas poderiam ser treinados com as estratégias empregadas pelos bons alunos de línguas. É importante ressaltar que esta idéia de ensino de estratégias como forma de capacitar ou aperfeiçoar alunos para a aprendizagem de línguas ganhou grande força, o que impulsionou um grande interesse pela pesquisa de estratégias de aprendizagem (RUBIN, 1975, 1987; COHEN, 1998).

Entretanto, nos últimos anos, surgiram questionamentos quanto à validade e ao sucesso do ensino de estratégias (CUTRIM, 1999). Muitos autores passaram a apontar outros fatores que, juntamente com as estratégias de aprendizagem, influenciam a aprendizagem e uso de línguas (CUTRIM, 1999; ELLIS, 2001).

Entretanto, o interesse pelo estudo do bom aprendiz de línguas continua até os dias de hoje. Geralmente as pesquisas de estratégias são feitas com esses bons alunos e usuários de línguas.

Historicamente a pesquisa de estratégias de aprendizagem estava intimamente relacionada à Psicologia Cognitiva (O'MALLEY e CHAMOT, 1990; COSSENZA, 1996). Entretanto, com o passar dos anos, os estudos de estratégias foram se dissociando da Psicologia Cognitiva e compreendendo que fatores além dos cognitivos deveriam ser levados em consideração (OXFORD, 1990, 1994; CUTRIM, 1999; COHEN, 2002). Um dos sinais dessa transformação é o interesse e a valorização de elementos interacionais, contextuais e de identidade, entre outros, por parte dos pesquisadores. Essa mudança pode ser facilmente encontrada nos trabalhos de Oxford (1990), Cutrim (1999) e Cohen (2002), entre outros.

Definições de estratégias

Há na literatura sobre aquisição de segunda língua/aprendizagem de língua estrangeira uma grande variedade de definições para as estratégias de aprendizagem. Com as variadas definições podemos notar os diferentes ângulos e perspectivas teóricas sob as quais elas são estudadas. Muitos autores utilizam termos como estratégias, estilos, técnicas, movimentos e táticas para se referirem a conceitos semelhantes (WENDEN, 1987, p. 7).

Introduzirei as definições empregadas por lingüistas aplicados e pelos pesquisadores envolvidos mais diretamente na área de estratégias. No campo de estratégias de aprendizagem dentro da Lingüística Aplicada destacam-se os trabalhos de Rubin (1975, 1987), Wenden (1981, 1987), Oxford (1990, 1994, 2002), Chamot e O'Malley (1987, 1990) e Cohen (1998, 2000, 2002) .

Início apresentando definições de estratégias de aprendizagem de línguas dadas por autores não especialistas no campo de estratégias de aprendizagem. Essa apresentação é importante uma vez que tais autores fazem parte da bibliografia de inúmeros trabalhos em lingüística aplicada e principalmente na área de aquisição de segunda língua ou aprendizagem de língua estrangeira.

Para Brown :

As estratégias são métodos específicos de se abordar um problema ou uma tarefa, modos de operação para a obtenção de um fim particular, designs planejados para o controle e manipulação de certa informação. (BROWN, 1994, p. 104)

Com essa definição, Brown (1994, p. 104) defende que as estratégias são empregadas para a resolução de problemas e para a obtenção de um fim específico. Além disso, é bom destacar que o autor considera as estratégias como métodos específicos de abordagem de um determinado problema. Veremos adiante que esse caráter específico das estratégias é um fator que as diferenciam dos estilos de aprendizagem, bem como de outros termos comumente empregados como sinônimos para as estratégias.

O autor aponta as seguintes funções para as estratégias: resolução de um problema, planejamento, controle e manipulação de uma informação. Tal posição é defendida também por O'Malley e Chomot (1990). Assim, as estratégias servem não só para a obtenção de conhecimento, mas também para a ativação do conhecimento prévio do aluno. Rubin (1975), Wenden (1987), Oxford (1990), Cohen (1998) e Ellis (1994, 2001, 2002) também consideram as estratégias voltadas para a resolução de tarefas ou problemas.

Ellis (2001, p. 529) define as estratégias como “atividades mentais e comportamentais relacionadas a algum estágio específico no processo geral da aquisição de uma língua ou uso de uma língua”. Nessa definição, Ellis, assim como Brown (1994, p. 104) e outros autores, afirma que as estratégias são empregadas tanto para a aprendizagem quanto para o uso de línguas. Além disso, Ellis considera que as estratégias podem ser comportamentais e mentais.

Dentre os autores que mais diretamente pesquisaram as estratégias de aprendizagem, início apresentando a definição de Rubin (1975). De acordo com Rubin (1975, p. 43), as estratégias são “técnicas ou dispositivos que o aluno emprega para adquirir conhecimento”. Essa definição pode parecer muito genérica, mas não poderia deixar de ser citada devido à importância dada por pesquisadores atuais ao estudo inicial de Rubin sobre estratégias. A partir do trabalho de Rubin, o campo de estratégias passou a despertar maior interesse de lingüistas aplicados e a se separar gradualmente da psicologia cognitiva. Mesmo os autores que investigavam e ainda investi-

gam o assunto sob uma visão predominantemente cognitivista passaram a inserir as estratégias de aprendizagem como uma área de estudo dentro do campo de aquisição de segunda língua ou aprendizagem de língua estrangeira.

Para Oxford (1990, p. 1-10), as estratégias são ações ou comportamentos específicos empregados pelos alunos para a apreensão, internalização e uso da segunda língua. Como um instrumento de aprendizagem, as estratégias permitem a mediação do aluno (sujeito da aprendizagem) com a língua em processo de aquisição/aprendizagem ou uso (objeto da aprendizagem). A autora considera as estratégias como instrumentos que auxiliam a aprendizagem (OXFORD, 1990, p. 11).

Quanto ao papel da consciência no uso e seleção de uma determinada estratégia, a autora considera que essas estratégias de aprendizagem são frequentemente conscientes, o que não exclui a existência de estratégias inconscientes.

O'Malley e Chamot (1990, p. 1) definem as estratégias como pensamentos ou comportamentos especiais que os alunos empregam para a compreensão, aprendizagem, ou retenção de uma nova informação. Para os autores as estratégias são modos especiais de processamento de informações que ajudam os alunos durante o processo de aprendizagem de uma segunda língua. Essa posição de O'Malley Chamot, assim como a de Oxford (1990), evidencia a natureza mediadora e instrumental das estratégias. É importante destacar que muitos autores, especialistas ou não em estratégias de aprendizagem,

destacam o caráter mediador das estratégias entre o alunos e a aprendizagem de uma língua.

Um terceiro autor que se destaca no campo de pesquisa e ensino de estratégias de aprendizagem é Cohen. Ele define as estratégias de aprendizagem como “processos de aprendizagem que são conscientemente selecionados pelo aluno” (1998, p. 4). O pesquisador defende que “o elemento da consciência é o que diferencia as estratégias daqueles processos que não são estratégicos” (Cohen, 1998, p. 4), ressaltando, contudo, que, muitas vezes, o aluno só está parcialmente consciente do que faz.

Assim, acredito ter apresentado as principais visões dos autores da área sobre o conceito de estratégias de aprendizagem de língua estrangeira. Esse perfil permite notar aspectos em comum, assim como pontos divergentes entre autores da área. Os autores, apesar de usarem classificações diferentes, consideram as estratégias como recursos que auxiliam tanto a aprendizagem quanto o uso de uma língua.

Classificações das estratégias de aprendizagem

Assim como na definição dos conceitos, pode-se observar também na classificação das estratégias uma diversidade/variação entre os autores. Para ilustrar tal fato, apresentarei, aqui, as classificações das estratégias de acordo com Oxford (1990), O'Malley e Chamot (1990) e Cohen (1998).

Oxford (1990) divide as estratégias em dois grandes grupos: as estratégias diretas e indiretas. As estratégias diretas são voltadas para o contato direto com a nova língua através de tarefas e situações específicas de aprendizagem. Oxford subdivide as estratégias diretas em três grandes grupos:

- ✓ ***estratégias de memória*** – empregadas para a memorização e recuperação de informações;
- ✓ ***estratégias cognitivas*** – passos ou operações específicas para a aprendizagem;
- ✓ ***estratégias de compensação*** – lidam com situações nas quais o conhecimento lingüístico do aluno na segunda língua/língua estrangeira não é suficiente, como forma de suprir necessidades práticas.

As estratégias indiretas são empregadas para o gerenciamento da aprendizagem e não para necessidades e práticas pedagógicas específicas. Este grupo está dividido em:

- ✓ ***metacognitivas*** – auxiliam o aluno no planejamento, administração e avaliação da sua aprendizagem;
- ✓ ***afetivas*** – relacionadas a requisitos emocionais
- ✓ ***sociais*** – referem-se às estratégias empregadas para a interação social. Cada grupo, por conseguinte, é dividido em subgrupos menores e mais específicos. A autora argumenta que os conflitos entre as classificações são inevitáveis e que essas divisões estão inter-relacionadas.

Ao considerar estratégias sociais e afetivas, Oxford reconhece que a interação desempenha um papel importante para o processo de aprendizagem.

O'Malley e Chamot (1990) dividem as estratégias em três grandes grupos que, assim como no caso de Oxford (1990), serão divididos em subgrupos. Os três grandes grupos são:

- ✓ *estratégias metacognitivas* – requerem avaliação, planejamento, reflexão e monitoramento do processo de aprendizagem;
- ✓ *estratégias cognitivas* – mais limitadas a realização de tarefas específicas e envolvem manipulação direta da aprendizagem;
- ✓ *estratégias sócio-afetivas* – relacionadas à interação social.

Podemos notar semelhanças entre as duas classificações apresentadas acima. Ambas trabalham com dimensões cognitiva, metacognitiva, social e afetiva. O'Malley e Chamot (1990) tratam os elementos sociais e afetivos como mais diretamente inter-relacionados. Assim, é possível perceber que, apesar de adotarem uma abordagem cognitivista, O'Malley e Chamot não rejeitam o papel da interação social na aprendizagem. Ao unirem as estratégias sociais e afetivas, O'Malley e Chamot (1990) reconhecem que a interação social afeta o lado afetivo do aluno e vice-versa e, conseqüentemente, a aprendizagem. Assim, os autores reconhecem que fatores sociais e afetivos, além dos cognitivos, influenciam a aprendizagem.

Cohen (1998) divide as estratégias de aquisição de segunda língua em estratégias de aprendizagem lingüística (aperfeiçoam a

aprendizagem do sistema lingüístico – gramática, vocabulário e pronúncia) e estratégias de uso lingüístico (aperfeiçoam o uso da língua em situações de produção e compreensão lingüística).

As estratégias de uso lingüístico incluem:

- *estratégias de recuperação* – servem para acessar elementos da memória;
- *estratégias de ensaio* – prática das estruturas lingüísticas da língua-alvo;
- *estratégias de cobertura* – empregadas para criar a impressão que o aluno domina algo que na verdade ele não domina;
- *estratégias de comunicação* – empregadas para que uma mensagem seja significativa e informativa para o leitor ou ouvinte.

Cohen (1998, p. 7), assim como O`Malley e Chamot (1990) e Oxford (1990), destaca que tanto as estratégias de uso quanto as estratégias de aprendizagem podem ser diferenciadas pelas dimensões cognitiva, metacognitiva, afetiva e social de cada uma.

Em trabalhos posteriores (COHEN, 2002), o autor defende que as estratégias podem ser descritas e classificadas seguindo diferentes abordagens. Entretanto, o autor aponta que, na maioria das vezes, as estratégias estão divididas em grupos de acordo com:

- **a função da estratégia** – as estratégias seriam divididas aqui em estratégias de uso lingüístico e estratégias de aprendizagem;
- **a habilidade lingüística** – de acordo com a habilidade com a qual a estratégia está mais diretamente relacionada, elas poderiam estar

divididas em: leitura (compreensão escrita), escrita (produção escrita), audição (compreensão oral) e fala (produção oral);

- **o propósito da estratégia**, isto é, estratégias sociais, afetivas, cognitivas e metacognitivas.

Entretanto, o próprio autor, assim como Oxford (1990) alerta que a classificação e a divisão das estratégias em grupos não é rígida, uma vez que elas estão muitas vezes inter-relacionadas. Um exemplo disso é a estratégia de paráfrase que poderia ser considerada tanto uma estratégia de leitura como de fala, dependendo do contexto de uso da estratégia.

Os diferentes autores e as estratégias

Apesar das diferentes definições, classificações e características atribuídas, pelos autores, às estratégias, é possível identificar elementos em comum. Em trabalho recente (VILAÇA, 2003, p. 158) apresentei quatro pontos harmônicos entre os pesquisadores. Transcrevo abaixo os pontos apontados por mim no trabalho citado.

1. As estratégias buscam influenciar a aprendizagem positivamente, facilitando e/ou acelerando a aprendizagem.
2. As estratégias são empregadas de acordo com o contexto e com a situação pedagógica, para a realização de uma tarefa ou para o uso de uma língua.

3. Diversos fatores de naturezas variadas influenciam o uso das estratégias.
4. As estratégias de aprendizagem lidam com dimensões metacognitivas, afetivas e sociais da aprendizagem, e não apenas com a cognitiva.

Hoje percebo que, na verdade, os pontos 2 e 3 podem ser perfeitamente fundidos, uma vez que o contexto e as tarefas podem ser inseridos entre os elementos que influenciam a seleção e o uso das estratégias.

Considerações finais

Acredito ter proporcionado com este artigo uma breve compreensão do campo de estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras. Considero ser este um campo extremamente rico para pesquisas e altamente produtivo no que se refere à aplicabilidade de resultados de pesquisas em situações reais de ensino/aprendizagem. Um exemplo disto está no fato que diversos materiais didáticos passaram a apresentar estratégias de aprendizagem como forma de proporcionar aos seus estudantes uma postura mais autônoma.

Concluo o presente trabalho apontando alguns dos fatores mais diretamente relacionados ao estudo e à pesquisa de estratégias de aprendizagem:

- 1) estudo e descrição do bom aluno de línguas;

- 2) a formação de um aluno autônomo, mais responsável e consciente em relação ao seu próprio processo de aprendizagem;
- 3) pesquisa centrada no aluno, buscando a compreensão dos processos empregados pelos alunos durante o processo maior de aprendizagem;
- 4) ensino ou treinamento de estratégias como forma de melhor instrumentalização do aluno para a aprendizagem de língua.

As estratégias de aprendizagem não devem ser associadas exclusivamente a este ou aquele método de ensino, da mesma forma como não devem ser consideradas restritas a teorias de aprendizagem específicas (VILAÇA, 2003a).

Sugiro aos que pretenderem um aprofundamento sobre os tópicos aqui discutidos, assim como outros relacionados às estratégias de aprendizagem a leitura de Rubin (1975), Wenden e Rubin (1987), Oxford (1990, 1994, 2002), O'Malley e Chamot (1990), Cohen (1998) e Vilaça (2003a, 2003b)

Referências Bibliográficas

BROWN, H. D. Principles of Language Learning and Teaching. New Jersey: Prentice-Hall, 1994.

COHEN, A. D. Studying learner strategies: how we get the information. In: WENDEN, A. & RUBIN, J. Learner Strategies in Language Learning. New York: Prentice Hall, 1987.

cumento de texto JPNSHI.rtf. 1997.

_____. Strategies in Learning and Using a Second Language. London: Longman, 1998.

CUTRIM, E. N. A construção da autonomia do aluno através do ensino de léxico: uma pesquisa-ação. 1999. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ELLIS, R. Understanding Second Language Acquisition. New York: Oxford University Press, 1994.

_____. Second language Acquisition. New York: Oxford University Press, 2002.

LIGHTBOWN, P & SPADA, N. How language are learned. New York: Oxford University Press, 1993.

LITTLEWOOD, W. T. Foreign and Second Language Learning. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

LO CASTRO, V. Learning strategies and learning environments. Tesol Quaterly 28 (2): 409-414, 1994.

MARTINS, M.M.F.N. The use of learning strategies by intermediate level EFL learners when writing essays. 1996. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

O`MALLEY, J. e CHAMOT, A. Learning Strategies in Second Language Acquisition. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

OXFORD, R. Language Learning Strategies: what every teacher should know. Nova York: Newbury House Publishers, 1990.

RUBIN, J. What the “good language learner” can teach us. TESOL Quaterly 9: 41-51, 1975.

_____. Learner strategies: theoretical assumptions, research history and typology. IN; WENDEN, A & RUBIN, J. Learner Strategies in Language Learning. New York: Prentice Hall, 1987.

TARONE, E e YULE, G. Focus on the language learner. Oxford, Oxford University Press, 1999.

VILAÇA, M. L. C. As estratégias de aprendizagem na aprendizagem de línguas estrangeiras. In: SILVA, I. A. (Orgs) Caderno de Letras 20 - O Senhor das Linguagens. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003a.

_____. Estratégias na aprendizagem de língua estrangeira: um estudo de caso autobiográfico. 2003b. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

WENDEN, A. Learner Strategies. Tesol Newsletter 19 (5): 1-7, 1985.

YANG, N. D. The relationship between EFL learners` beliefs and learning strategies use. IN: SYSTEM, 27, 551-535, 1999.